

# SITUAÇÃO DA ARQUITETURA BRASILEIRA

Demétrio Ribeiro

Nelson Souza

Enilda Ribeiro

Companhando a matéria técnica relativa aos conjuntos residenciais, divulgamos aqui esta tese — aprovada anteriormente no IV Congresso Brasileiro de Arquitetos — que propõe "a satisfação das necessidades arquitetônicas de toda a população brasileira".

## NECESSIDADE DE UMA DISCUSSÃO AUTO-CRÍTICA

A moderna arquitetura brasileira é mundialmente conhecida nos círculos especializados. As principais publicações de arquitetura do estrangeiro costumam trazer informações a seu respeito e dedicar-lhe elogios.

Três desse cartaz da arquitetura brasileira, existem porém, inúmeras deficiências e dificuldades, que é preciso analisar e debater. É visível a preocupação dos arquitetos brasileiros em face das tendências que se vêm manifestando.

O próprio temário deste congresso é uma demonstração do nosso desejo comum de discutir a maior franqueza os problemas teóricos da arquitetura. A fama mundial da arquitetura e o prestígio considerável que essa fama lhe dá aos olhos de muitos, trazem dificuldades à realização desse debate porque a vaidade pessoal prejudica, às vezes uma visão auto-crítica da arquitetura moderna.

## INTERPRETAÇÃO INDIVIDUALISTA DA ARQUITETURA

Uma ampla discussão do assunto encontra também um obstáculo nos conceitos e hábitos individualistas imperantes nos meios de arquitetos e artistas em geral.

Em muitos dentre nós existe o conceito de que a arquitetura é uma questão de talento individual exclusivamente. Persegue-se a originalidade a todo custo, a criação de formas novas passa a ser um objetivo em si. Ser diferente dos demais e, se fôsse possível, inventar uma nova arquitetura, esta é a preocupação que guia um grande número de arquitetos e estudantes.

Esse estado de espírito, que, voltando as costas à toda história, vê na arquitetura uma arte individual, traduz-se em teorias mais ou menos coerentes, baseadas na noção da arte pela arte.

Não faltam os que defendem a tese de que a arquitetura e as outras artes, na sua essência, naquilo que as diferencia das outras atividades, independem dos fatores sociais, históricos e ideológicos.

Essa posição estética conduz na prática muitos artistas, arquitetos inclusive, a desprezarem o estado da realidade social e cultural do meio.

Tais teorias também resultam na anulação de qualquer crítica e discussão do valor estético das obras.

## A ARQUITETURA E A REALIDADE SOCIAL

A fim de não perder-se em devaneios, a discussão dos problemas da nossa arquitetura deve ter

por base uma visão correta da situação objetiva atual da arquitetura.

Antes de tudo deve ser considerada a natureza das relações existentes entre o conjunto das obras de arquitetura e a realidade brasileira.

Os programas propostos atualmente aos arquitetos brasileiros, salvo exceções, correspondem aos interesses de um pequeno setor da população. São programas de necessidades representativas de uma minoria social cujos hábitos e tipo de vida diferem essencialmente dos hábitos e do tipo de vida das mais amplas camadas da população brasileira.

Deve-se assim constatar que a arquitetura brasileira contemporânea não é representativa da realidade social brasileira em seu conjunto.

## A ARQUITETURA E A ECONOMIA BRASILEIRA

As soluções técnicas e economicamente mais aconselháveis para enfrentar o problema da habitação popular não são postas em prática, não havendo por isso condições objetivas para o desenvolvimento das experiências relativas a essa questão.

A arquitetura brasileira atual sofre as consequências diretas do atraso da nossa economia. Os inúmeros recursos construtivos de que pode dispor nos países industriais, constituem luxo para nós. A nossa indústria incipiente e sujeita à concorrência estrangeira está longe de produzir a diversidade e a quantidade de materiais compatíveis com as imensas possibilidades naturais do Brasil. Assim sendo, a nossa atual arquitetura não é representativa de uma economia nacional desenvolvida.

## ORIENTAÇÃO ESTÉTICA

Ao tratar da estética da arquitetura, costuma-se erradamente limitar a questão a uma luta entre modernos e acadêmicos. Em qualquer caso entretanto, devido às próprias condições de trabalho do arquiteto no Brasil atual, o grande público, o povo em geral, permanece distante de sua atividade. A orientação estética da arquitetura ainda é entre nós uma questão de arbítrio pessoal. Sem pôr em dúvida o papel da individualidade na criação da obra de arte, é necessário compreender o caráter social do processo de elaboração e de fixação das formas capazes de definirem a arquitetura de uma nação e de uma época.

Nas condições em que trabalham atualmente os arquitetos esse processo social não se realiza porque não existe o grande público e os profissionais, o tipo de relações necessário. Os conceitos estéticos correntes entre arquitetos diferem profundamente das noções estéticas generalizadas entre o grande público.

Não recebendo uma crítica coletiva e tendo que discutir com clientes isolados, mais ou menos imbuídos de preconceitos e de vaidades o arquiteto é levado a confiar tão somente em seu próprio julgamento e, na melhor das hipóteses, no de alguns colegas e críticos.

## A TRADIÇÃO NA ARQUITETURA

Os elementos tradicionais entram em nossa arquitetura através da interpretação individual do arquiteto, escolhido por ele segundo o seu gosto pessoal. Assim sendo a tradição arquitetural do passado não entra nas obras do presente por força de um processo relativo social, como resultado de exigências estéticas reais do povo.

O desejo de utilizar o nosso patrimônio tradicional toma uma das formas seguintes:

a) Dentro de um conceito acadêmico, segundo o qual os elementos de detalhes das obras do passado são reproduzidas em forma de ornatos.

b) Como recurso para enriquecer o vocabulário formal do arquiteto, acrescentando às formas novas e combinando com elas determinados elementos tradicionais. Esses elementos são escolhidos pelo arquiteto tendo em vista uma composição moderna, dentro do critério estético moderno. Isso é feito vendo principalmente as características formais mais isoladas, ficando em

segundo plano a significação humana da forma arquitetônica, como produto de um processo social determinado.

Na verdade, esse caminho em que a relação dos elementos tradicionais obedece a um critério — como se vê — essencialmente formalista, conduz ao exotismo e ao pitoresco.

Uma contribuição autêntica da tradição somente se pode verificar na produção artística que se ache diretamente inspirada nas exigências estéticas do povo, principal depositário da tradição e único capaz de interceptar o seu significado para o presente.

A sensibilidade estética do povo, distingue em cada fase da história o que vive do que caducou no patrimônio do passado. Nesse processo continuado e coletivo, em que são assimilados e desenvolvidos os elementos vivos da herança cultural, transmitem-se os valores tradicionais na arte. Nas condições atuais, esse poder criador do povo não pode se manifestar na arquitetura. Assistimos ou participamos de tentativas individuais de transposição de formas ou elementos do passado à arquitetura moderna.

No entanto, nenhum talento, nenhuma teoria poderá substituir o processo vivo da cultura nacional. A produção dos arquitetos brasileiros realizada com as limitações já apontadas, isolada do povo não pode dar nascimento a elementos de uma arquitetura nacional, com características definidas, capaz de arquirir um valor permanente na história da cultura.

## A DEMOCRATIZAÇÃO DA ARQUITETURA

A única solução para os problemas da nossa arquitetura estará na sua verdadeira democratização.

A democratização da arquitetura somente se processará na base da satisfação das necessidades de toda a população brasileira. Nas condições atuais do Brasil, o ponto de partida de uma efetiva democratização da arquitetura só poderá ser a construção em grande escala, para atender às necessidades imediatas de milhões de brasileiros que hoje sofrem da falta de habitações condignas, não têm escolas, hospitais, estádios, nem locais para a cultura espiritual e física.

Iniciativas dessa envergadura implicam em profundas transformações no quadro econômico, social e político brasileiro. Essas transformações, ou seja, a real democratização da vida brasileira em geral, gerarão novas condições de trabalho para os arquitetos.

Tornar-se-ão mais estreitas as relações entre o arquiteto e sua clientela, constituída de todas as camadas da população, inclusive a grande maioria hoje à margem da arquitetura. Disso resultará uma participação efetiva do povo na crítica e por conseguinte na evolução da arquitetura brasileira.

A crítica coletiva dará ao arquiteto todos os elementos que hoje lhe faltam para dominar plenamente o alcance social de sua obra. Verdaderamente senhor de todos os aspectos do problema a resolver, o arquiteto encontrará a verdadeira libertação de suas faculdades criadoras.

## CONCLUSÕES

Considerando o alcance que terá no meio brasileiro um pronunciamento público do IV Congresso, sobre as aspirações mais vitais dos arquitetos, propomos para aprovação do Plenário as seguintes conclusões:

1) — A arquitetura brasileira está ameaçada de degenerescência devido ao seu isolamento do povo.

2) — A única possibilidade de desenvolvimento da arquitetura brasileira reside em sua democratização, na base da satisfação das necessidades materiais e espirituais do povo.

3) — Os conhecimentos teóricos dos arquitetos sobre os problemas sociais, históricos e estéticos desempenham um papel decisivo na evolução da arquitetura.

O debate desses problemas no I.A.B., nas organizações estudantis, e nas escolas é uma necessidade urgente da arquitetura brasileira.